

ANO XXVII
9470
1969
Preço 1\$00

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
6.ª-feira
28
Fevereiro

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Sede: Rua Luz Soriano, 67 — Telef. 328291/5 (P. P. C. A.) — 328296-34630-34639 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

APENAS TRÊS GRAUS (DA ESCALA INTERNACIONAL) SEPARARAM O SISMO DE HOJE DAQUELE QUE DESTRUIU AGADIR

«No dia 28 de Fevereiro de 1969 foi registado um sismo nas estações sismográficas de Coimbra e Lisboa, com início às 3 horas, 41 minutos e 5 segundos e 3

horas, 41 minutos e 2 segundos, respectivamente, e com epicentro a cerca de 230 quilómetros para Sudoeste de Lisboa. A magnitude do sismo é de 7,3 na escala de Richter. O sismo foi sentido com o grau VI-VII, da escala internacional, em Lisboa e noutras localidades do continente. Na capital foi sentido outro sismo com início às 5 horas e 28 minutos, com intensidade de III na escala internacional».

(Continua na 16.ª pág.)

UMA URGENTE NECESSIDADE NACIONAL

Na entrevista que ha um ano nos concedeu, e referida noutro lugar, o dr. Alfredo Mendes informou-nos de que têm sido realizadas experiências sismológicas para melhorar o conhecimento da estrutura da crosta terrestre, com base na propagação das ondas sísmicas, provocadas pela detonação de cargas explosivas apropriadas. A execução dessas experiências é trabalho que está previsto e competirá ao Serviço Meteorológico Nacional, empreendimento incluído no III Plano de Fomento.

Dada a nossa posição geográfica, o estudo da crosta terrestre constitui uma necessidade nacional. No rateio das verbas haverá que não esquecer a urgência destes estudos, que podem levar a melhorar as condições de segurança da população portuguesa.

lado um sismo nas estações sismográficas de Coimbra e Lisboa, com início às 3 horas, 41 minutos e 5 segundos e 3



2.ª TIRAGEM

VISADO
PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Hoje: 32 páginas

Doentes internados no Hospital de S. José fugiram para a rua...

● Reportagem nas páginas 7, 8, 10, 11, 13, 15 e 16 ●

O EPICENTRO REGISTOU-SE NO MAR A 230 QUILOMETROS APENAS DE LISBOA

UM DESPERTAR DE MEDO

Foi um despertar sobressaltado... e apavorado no meio das trevas gerais.

As paredes estremeciam assustadoramente, os vidros tilintavam nos armários, candeeiros pareciam despenhar-se sobre os vultos que se chamavam uns aos outros no meio dos corredores. E o susto era tanto maior quanto o estremecimento ameaçador se prolongava, parecendo não ir acabar. Impressão desagradável! Como ratos, seres humanos presos na ratoeira do perigo iminente, assim de improviso, arancados ao sono.

Assim que o estremecimento parou, quase todos se moveram da posição em que tinham gelado e, na maioria, tentaram saltar cá para fora. Perigo por perigo antes ao ar livre, procurando evitar as pedras que viessem a cair em cima da cabeça.

Ao seguir o movimento geral, na pressa de sair, descí os cinco andares da minha casa, escuros de breu, agarrada à rede metálica do elevador.

Nas casas, ouviam-se vozes alteradas...

— Podia emprestar-me uma caixa de fósforos? Acho que não consigo continuar a descer, está tão escuro...

A senhora que veio abrir não podia emprestar; eram os únicos que tinha em casa. Mas iluminou-me aquele lanço de escada com os fósforos que ia riscando um a um... Disse-me:

— Ah, vai descer! Eu também queria, mas o meu marido não deixa...

Reacções diferentes

No local em que os prédios altos abriam uma clareira, as

— contado por um jovem repórter

— Isto é que foi, hem?!

— Estava mesmo a ver quando o tecto me caía em cima da cabeça.

— No fim, ouviu-se um ruído muito forte, como o ribombar do trovão...

Era a porteira, que vive em baixo, quem falava...

Estávamos na esquina da avenida 5 de Outubro com a avenida 28 de Maio. As meninas de um lar universitário agrupam-se em magotes numerosos, apertando roupões ou casacos sobre os pijamas e camisas de noite para gáudio de alguns passantes.

— Estamos num sexto andar dum prédio antigo, que nem sabemos como se manteve de pé! Os vidros das marquises nas traceiras estilhaçaram-se completa-

mente... As janelas abriram-se e os vidros partiram-se. E os «cache-pots» enormes da escada ficaram em bocadinhos. Ainda tenho os pés todos fei-dos da corrida pelas escadas.

Mas são raparigas novas, e o imprevisto e o próprio susto transformaram-se rapidamente no interesse do acontecimento novo... Riem e gritam de grupo para grupo:

— Achas que este artaíl já acabou?

Santa juventude!

O mesmo não pensam os casais jovens com os bebês nos braços, e os velhotes que se apressam nas ruas em direcções só deles conhecidas. O mesmo não pensa o guarda-nocturno da área que interpelei:

— Cá fora na rua sentiu-se muito?

— Se se sentiu! As árvores e os candeeiros tremiam como varas verdes! Tive um medo que me caíssem em cima da cabeça!

Cada vez havia mais pessoas na rua. Gritos altos, chamamentos, discussões até. Ao longe, alguém batia numa porta e gritava:

— Dêem-me uma chave! Dêem-me uma chave!...

Para quê? Impossível de esclarecer na confusão geral.

Durante largos minutos a luz na rua era apenas fornecida por algumas raríssimas velas brilhando no meio dos magotes de pessoas em trajos menores e pelas múltiplas automóveis que partiam a toda a velocidade...

— Vão para a auto-estrada — esclareceu ainda a minha porteira. Lá é mais seguro. — MARIA ARMANDA.

NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS

PARTIRAM OS VIDROS DAS PORTAS PARA PODEREM FUGIR!

Terrível pânico se apoderou de uns cinquenta operários e decoradores que se encontravam na Feira Internacional de Lisboa ultimando os «stands» da exposição «Filigráfica», que deve ser inaugurada amanhã. No momento de maior intensidade do sismo, seguindo o grito de alarme de algumas pessoas, todos se precipitaram para a saída. Como encontrassem as portas fechadas, os mais decididos partiram a pontapé os vidros, fugindo, assim, para a rua.

Um decorador disse-nos:

— Senti um ruído surdo vindo principalmente da grande cobertura metálica do pavilhão. Perguntei o que era e um operário disse-me: «É o comboio». Mas o ruído acentuou-se e alguns vidros partiram-se, caindo também quadros das paredes. As colunas oscilaram e, então, ouviu-se um grito: «Fujam! É um tremor de terra». Fugimos todos e passámos as portas através dos vidros partidos pelos primeiros que ali chegaram.

Um artista plástico, por seu turno, descreveu assim o que se passou ali:

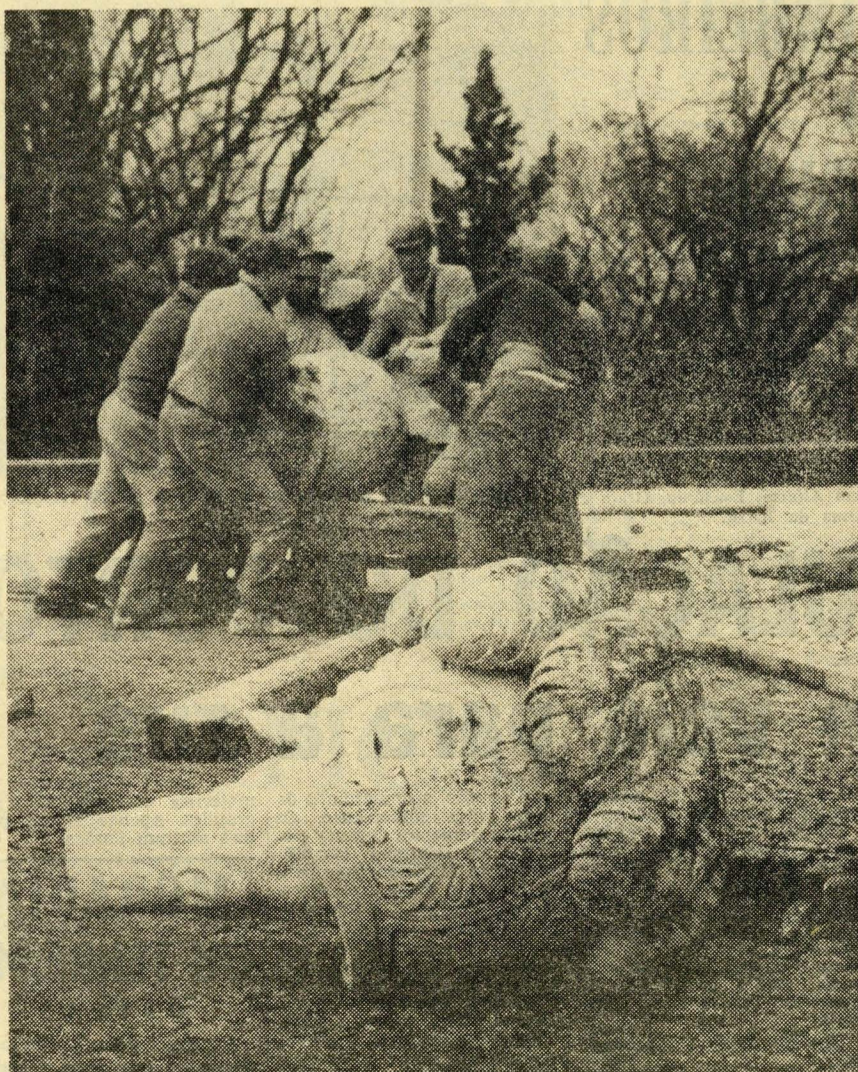
— Toda a gente deve ter sofrido pavor com o sismo. Mas o que foi o nosso pânico é indescrevível. E que vimos-nos, de repente, sob uma grande cobertura oval, que nos parecia ir desmoronar-se a todo o momento, e sentimo-nos fechados, sem possibilidade de atingir a rua. Felizmente, alguém se lembrou de estilhaçar as vidraças das portas, o que nos permitiu chegar ao largo fronteiro à Feira.

Os trabalhos que ali decorriam foram praticamente interrompidos. Os decoradores e operários foram para suas casas ver as famílias e, uma hora depois do sismo, o pavilhão estava completamente deserto. O porteiro, sr. Amândio Augusto Conde, disse-nos:

— Ninguém deu tempo a que eu abrisse as portas. Partiram os vidros e fugiram.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO NOS AVIÕES DA «P. A. A.»

A inesperada interrupção dos trabalhos não deve permitir que se inaugure a exposição «Filigráfica» amanhã, como estava previsto.



Oito homens parecem poucos para erguer as duas esculturas do Palácio da Ajuda caídas durante o sismo



Noite de pavor gente na rua a fugir ao medo, à procura dos outros

ABRIRAM FENDAS VÁRIAS PAREDES DO HOSPITAL DE S. JOSÉ

O Hospital de S. José também não escapou à força dos sismos, a qual abriu

largas fendas nas paredes dos Serviços 3, 5 e 9, o primeiro dois de fracturas. Nestes serviços chegou mesmo a esabelecer-se certo pânico entre os internados, tanto mais que se verificou também a queda de pedaços de caliza do tecto, que só por felicidade não atingiram alguns doentes.

De notar que as paredes das insalações do Serviço 9 já há algum tempo apresentavam fendas, que os violentos abalos de terra desta madrugada acabaram por tornar maiores.

Para se inteirar da extensão dos prejuízos e das medidas a tomar, compareceu naquele hospital, cerca das 8 e 30, o ministro da Saúde e Assistência, dr. Lopo de Carvalho Canela de Abreu, que era acompanhado pelo enfermeiro-mor, administrador-geral e outros funcionários superiores do Hospital de S. José.

Abordado pelo repórter do «Diário Popular», aquele membro do Governo começou por nos declarar:

— Houve realmente um problema sério nos Serviços 9 e 3, principalmente, onde as paredes abriram fendas. Em consequência, foram tomadas disposições para que hoje mesmo se proceda à evacuação de todos os doentes para outros serviços.

— Serão feitas obras de recuperação dessas salas?

— Vamos fazer obras, naturalmente, mas ainda não se sabe de que tipo. As instalações do Serviço 9 eram já muito más. E é curioso que estava já tudo planeado para que, dentro de 4 meses, não estivesse lá nenhum doente.

E, em tom de desabafo, o titular da pasta da Saúde e Assistência declarou:

— Este hospital tem de ser virado do avesso!...

Ao princípio da tarde, com a colaboração de 30 viaturas do Exército, entre as quais 20 ambulâncias, iniciou-se a transferência dos doentes: 50 para Alcoitão, 50 para os estabeleci-

O «115» TEVE POUCO SERVIÇO

Apesar de as corporações de bombeiros terem registado grande número de chamadas, o mesmo não se pode dizer relativamente ao serviço de assistência «115», da P. S. P.

De facto, apenas para ali foram comunicados alguns casos que, no fundo, eram da competência dos bombeiros (desabamentos ou ameaça de desmoronamentos de chaminés e empenas de prédios), não tendo sido requisitado aquele serviço para o transporte de quaisquer feridos.

mentos hospitalares dependentes do Instituto de Assistência aos Inválidos e os restantes para os vários hospitais civis de Lisboa.

COMPRO

Carros de qualquer marca e modelo de 5 a 100 contos ou mais, portanto, não venda o seu carro sem me consultar. O pagamento é a pronto e a transacção rápida. Albertino Henriques da Silva, Lda, — R do Garrido, 73-A.

Terreno para indústria

Vendo 13 700 metros, frente estrada nacional 10, em Santa Iria Azóia. Resposta largo S. Domingos, 5, ao n.º 2879.

Notícias da Capital e Província

PAVOR EM COIMBRA: O povo fugiu a gritar para as ruas



Precavido com tudo o que pôde encontrar — outro homem que veio para a rua...

COIMBRA, 28 — No Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra, às 3 horas, 41 minutos e 41 segundos, as penas do sísmógrafo saltaram, desorientadas perante as primeiras ondas sísmicas que abalaram a cidade.

Entretanto, o rugido subterrâneo fazia a terra vibrar assustadoramente e trazia o pânico às ruas, onde, por todo o lado, se ouviam gritos de aflição e nervosismo, surgindo imediatamente, por natural impulso colectivo, todas as janelas da cidade iluminadas.

Nas ruas centrais, especialmente nos largos das Ameias e da Portagem e na praça 8 de Maio, chegou a atingir-se o pavor com a enorme multidão que se concentrou ali, vinda das estreitas e velhas ruas da Baixa, e que temiam uma repetição do fenómeno.

Nos prédios altos das novas construções do Calhabé e em todo o bairro da Solum registaram-se igualmente cenas de pânico, com a fortíssima vibração que os imóveis acusaram.

A princípio, supôs-se serem muito mais graves as consequências do sismo, chegando mesmo o pânico a levar algumas pessoas a actos de nervosismo, como o jovem António Gonçalves Pereira, residente na rua das

Padeiras, 47, que saltou de um quarto andar para o telhado de um prédio vizinho e sofreu ligeiros ferimentos.

Também num prédio pertencente a Jaime de Almeida, na rua do Poço, abateu um telhado sobre o quarto de dormir da sr.^{ta} Belmira de Jesus Ferreira Neto, que, segundos antes, havia abandonado o aposento.

De todas as consequências, a mais espectacular foi, sem dúvida, o aluimento de um tecto da antiga garagem da firma Oliveiras, na rua da Sofia, que esmagou um automóvel ali recolhido, pertencente ao advogado dr. Edmundo Bento, que chamou os bombeiros.

Em muitos prédios as paredes fenderam, partiu-se o vidro da porta do café Mandarim, na praça da República, tombou um grande mo-

tivo ornamental em pedra na frontaria da pensão Avis e nas montras dos estabelecimentos muitos artigos expostos tombaram.

A cidade até ao clarear do dia registou sempre extraordinário movimento nas ruas, com toda a população acordada e apavorada. Famílias inteiras embrulhadas em cobertores meteram-se em automóveis e deslocaram-se para fora da cidade. Na margem do Mondego, junto à Estação Nova, também se encontravam muitas pessoas refugiadas, temendo a repetição do fenómeno.

Os enfermos dos hospitais fugiram das camas

Nos Hospitais da Universidade, alguns doentes dos quartos particulares, que há

muito não se levantavam, fugiram para os corredores.

Entretanto, deram entrada nos Hospitais da Universidade, vítimas de ferimentos provocados pelo sismo, as sr.^{tas} D. Lídia Figueiredo dos Santos, de 28 anos, solteira, residente em Tovim do Meio; D. Ilda Soares Ferreira, de 20 anos, solteira, estudante, moradora na rua Antero de Quental, em Coimbra; D. Albertina Santos Lucas, de 56 anos, casada, doméstica, residente em Carvalhais, Assafarge; e D. Maria Albertina Martins, de 66 anos, viúva, moradora no Terreiro de Mendonça, 3, nesta cidade.

Como dissemos, o Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra, dado que as primeiras ondas fizeram saltar as penas do sísmógrafo, não ficou com o conveniente registo do fenómeno que, no entanto, presume ser do grau 6 da escala Wood e Newmann.

A ILHA DA MADEIRA SACUDIDA (DURANTE 3 SEGUNDOS)

FUNCHAL, 28 — Às 2 e 43 locais (3 e 43 em Lisboa) foi sentido um

violento tremor de terra, com a duração de mais de 3 segundos, acompa-

nhado por forte ruído subterrâneo.

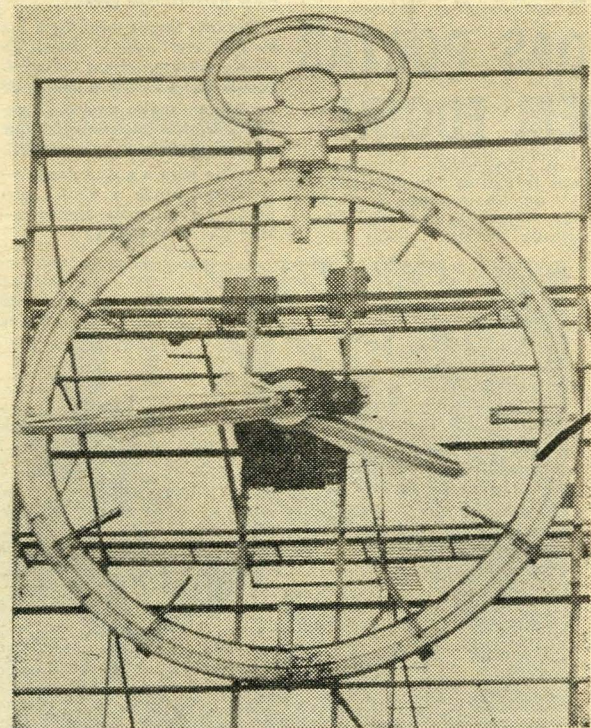
Estremeceram os prédios, com intensos ruídos das vidraças das janelas.

Os centros de primeiros socorros, como o Banco do hospital, os bombeiros e a Polícia, não receberam indicações de desastres pessoais ou materiais.

Nalgumas zonas da cidade, a população saiu para a rua. Os contactos directos estabelecidos com os extremos leste e oeste da ilha permitem verificar que, em toda a zona, o abalo foi sentido com violência e acompanhado de ruído. — (ANI).

O sismo não foi sentido nos Açores

VILA DO PORTO (Ilha de Santa Maria), 28 — Não foi sentido, na Ilha de Santa Maria, o abalo de terra que esta madrugada sacudiu Lisboa e a maior parte da Península Ibérica. — (ANI).



O grande relógio do Rossio (como tantos outros relógios) parou...

EM LISBOA, ATÉ ÀS 10 HORAS

500 PEDIDOS DE SOCORRO RECEBIDOS PELOS BOMBEIROS mas não se registaram casos de extrema gravidade

As 10 horas da manhã o telefonista da central dos Sapadores Bombeiros disse-nos:

— Ninguém pode fazer uma ideia. Não me lembro de coisa semelhante. Até este momento já recebi mais de quinhentas chamadas com pedidos de socorro. E isto avoluma-se. É pior agora do que quando se deu o sismo.

O pessoal, chamado de urgência, começou a trabalhar às 3 e 45.

— Foi a essa hora — disse-nos o telefonista — que recebi a primeira chamada. Era da Penha de França, para um prédio que abria fendas. Mas o nosso relógio eléctrico parou às 3 e 40.

Pequenas brigadas de «soldados da paz» percorriam, entretanto, a cidade. Aquela hora não havia ainda qualquer notícia de desmoronamento de prédios. Os principais pedidos de socorro registavam-se em relação a chaminés que se desfizeram com o abalo de terra.

As 6 horas, uma brigada de repórteres do nosso jornal encontrou uma viatura dos bombeiros estacionada na calçada do Combro. O chefe, cabo 211, Manuel António dos Reis Cas-

ta, acabava de efectuar com os seus homens uma inspecção a uma chaminé de que caíra parte na rua da Hera n.º 3.

— Ainda não pude voltar ao quartel — disse-nos ele. — Pela rádio estamos constantemente a ser requisitados para outros locais.

E prosseguiu:

— Até este momento já vimos chaminés caídas na travessa dos Inglesinhos, na rua do Machadinho, na rua de Bue-

nos Aires, na travessa do Oleiro e na rua da Hera e socorremos um ferido: uma rapariga de 18 anos, Adelaide dos Santos, que vivia num quarto na travessa do Jasmim. Mas temos já uma lista de mais dez pedidos. Felizmente não há casos de extrema gravidade.

Segundo os Sapadores Bombeiros, o maior volume de pedidos de socorro teve origem em Alfama, Estefânia, Graça e zona da Baixa.

A POPULAÇÃO DO PORTO também veio para a rua

Na cidade do Porto, como em todo o norte do País, não há memória de um sismo tão intenso, pois as casas tremeram fortemente, obrigando os moradores a sair para a rua tal como se encontravam nas camas, indiferentes ao ar gelado da madrugada.

O pânico aumentou, em certas zonas da cidade, pela falta de luz, que se verificou por breves minutos. Muitas pessoas abandonaram as residências aos gritos e as crianças choravam. E houve até quem ajoalhasse no chão gélido.

O abalo no Porto sentiu-se em duas fases, com um bre-

víssimo intervalo, atingindo a segunda maior intensidade.

O abalo começou a registar-se no Observatório da Serra do Pilar às 3 horas, 41 minutos e 52 segundos e a maior intensidade foi verificada às 3 horas e 46 minutos e depois às 3 horas e 55 minutos. Quanto à localização do epicentro, não pôde ser determinada, por a visibilidade do aparelho ter sido ultrapassada.

No Barreiro houve quem fugisse de automóvel

BARREIRO, 28 — O violento abalo de terra desta noite foi

aqui sentido, acompanhado de forte ruído subterrâneo. Os prédios tremeram durante, cerca de um minuto e, simultaneamente, faltou, mas por pouco tempo, a energia eléctrica. A rede telefónica sofreu avarias.

Grande parte das pessoas fugiu apavorada de suas casas para a rua, em trajos menores, e algumas, recendo, a repetição do sismo, que se repetiu, embora com pouca intensidade, tomaram os seus automóveis e partiram com rumo desconhecido.

Não há conhecimento de desastres pessoais e os prejuízos

materiais também não são grandes. Apenas alguns prédios abriram fendas.

MORADIA OU TERRENO O EIRAS

Compra o próprio, bem localizada, indicar área, características, etc., assunto urgente. L. S. Domingos, 5, ao n.º 2877.

NEM TODOS OS RELÓGIOS pararam à mesma hora...

Verifica-se que nem todos os relógios pararam à mesma hora. Embora a maioria — e todos os eléctricos, segundo as informações que nos chegam — se detivessem às 3 e 45, houve pontos da cidade em que os relógios se detiveram mais tarde, alguns minutos pelo menos. O relógio do reclame Omega, no Rossio, ficou parado às 3 e 45.

O «DIÁRIO POPULAR» É TRANSPORTADO PARA TODO O MUNDO

Inclua R & T nas suas campanhas de publicidade

«MISERICÓRDIA! MISERICÓRDIA!» — GRITAVAM MULHERES AOELHADAS EM PLENA AVENIDA DA LIBERDADE

Uma leitora do nosso jornal, que atravessou a cidade momentos depois do sismo, disse-nos: — Deparou-se-me um espectáculo inenarrável. Na avenida da Liberdade centenas de pessoas fugiam espavoridas enquanto mulheres, de joelhos, gritavam: Misericórdia! Misericórdia!

— Transportando crianças, estreitando os braços, contra si, outras centenas de pessoas corriam para as ruas enquanto outras assomavam espavoridas às janelas.

— Tocavam fortemente os «claxons» para podermos passar. Cada pessoa passava por pessoas de família.

— Outras pessoas que saíram imediatamente de suas casas descreveram cenas de extraordinária emoção que observaram em vários pontos da cidade. Verificaram-se, principalmente, patéticos encontros entre pais e filhos que, vivendo em pontos distantes, se encontravam uns em casa dos outros ou, então, nas ruas.

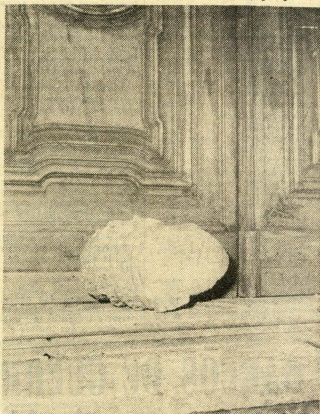
— Ficavam longos minutos abraçados, soluçando convulsivamente — disse uma testemunha.

— A cidade esteve mergulhada em profundo torpor durante mais de duas horas, depois que se deu o sismo. Nos prédios, os vizinhos confortavam-se mutuamente. As pessoas que viviam sozinhas, talvez por falta de um amparo, apresentavam aspecto de tragédia que, felizmente, não chegou a registar-se, mas que viram à sua frente.

— No bairro dos Olivais, praticamente todas as pessoas saíram para as ruas, vagueando, depois, durante horas, até recuperarem a coragem para regressarem a suas casas.



A CABEÇA DE UMA ESTATUA caiu de grande altura na igreja do Loreto



A cabeça de estátua que caiu da frontaria da Igreja dos Ilhéus jaz na porta principal do templo

FOI POR PRECAUÇÃO QUE SE INTERROMPEU O FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉCTRICA

Um dos primeiros incidentes que também contribuiu para aumentar o pânico pelo temor que toda a gente tem de escurecido, foi o corte de corrente eléctrica em toda a capital. Avençose a hipótese de ter sido cortada provisoriamente, mas no fundo, não tendo sido afectados pelo tremor de terra.

No entanto, ainda segundo a mesma informação, o corte de fornecimento de energia foi, relativamente, de pouca duração, exceto nas zonas dependentes das estações de Vermoia, nas proximidades do Porto, e de Alto de Mira (na Amadora), que abastecem a zona ocidental de Lisboa, que estiveram durante mais tempo sem fornecimento de energia.

As 7 horas da manhã, quando também nos informou a C. R. G. E., toda a cidade de Lisboa tinha normalizado o serviço de distribuição de electricidade — a excepção da Ajuda, onde só bastante mais tarde foi possível normalizar a situação.

Em Sobral também houve interrupção no fornecimento de corrente, mas apenas por três minutos, o mesmo acontecendo no Algarve, durante mais tempo.

MILHARES DE AUTOMÓVEIS nas imediações do Aeroporto de Lisboa

O automóvel foi o refúgio para muitos milhares de pessoas. Apavorados, todos os que possuíam viaturas de qualquer tipo abandonaram as suas residências e procuraram local mais seguro em praças, jardins e zonas sem edificações. As imediações do aeroporto de Lisboa foram especialmente procuradas. Elevaram-se a muitos milhares os automóveis que se estacionaram — nas ruas, em cima de passados, em terra batida, em filas de duas, três e quatro viaturas. Crianças dormitando ao colo dos pais, famílias inteiras aguardaram, ansiosamente, até ao principio da manhã, que pudesse ser dado como terminado o recelo de novos abalos de terra.

— A mesma testemunha descreveu, depois, o seguinte: — Uns quinze minutos depois de ter cessado o terrível tremor de terra, começaram a circular famílias inteiras, mais apertado fortemente os filhos contra si. Muitas pessoas não tinham mais do que um pijama e um casaco. No largo de Camões havia tanta gente que a praça estava completamente cheia. E viam-se pessoas envoltas em cobertores.

CONFUSÃO NA BRANDOIA mas nenhum desabamento

Os sismos desta madrugada atraíram imediatamente as atenções para a urbanização clandestina da Brandoia, onde há poucos dias ainda, se registou o abalo de um edifício construído em condições precárias, e a generalidade das habitações não suportaram as mínimas exigências de segurança. O problema é demasiado conhecido e escandaloso para que cause surpresa a possibilidade de novos desabamentos provocados pelos abalos sísmicos. Esta manhã, porém, apenas havia ali a registar uma vaga de pânico. Pânico compreensível, aliás, se pensarmos na sensação de insegurança que perturba toda a gente que al-

— Gente apática pela cidade — Apenas se encontrava gente apática, quase não se apercebia da presença de pessoas que todos fizeram — fala outra mulher, que aguarda também o seu lugar na bicha das camionetas para Lisboa — correr para a rua a esperar que aquilo passasse. Mas nunca mais passou.

— Parece, de repente, que o drama inenarrável de uma vida nas piores condições de existência, miséria mais abjecta por não ter razão de existir, não é insensível ao domínio dos que ali vivem. Pânico, sim, e indescritível, sentiram-no todos no momento do grande sismo, precisamente às 3.43. Mas, decorridas poucas horas sobre o momento dramático, agora, entra de novo, como todos os dias, a dura e sem limites da sua existência, já se falou da madrugada angustiada como se fosse apenas mais um acontecimento triste numa vida repleta de acontecimentos tristes.

— E para cúmulo, alguns até já dizem que se edificações da Brandoia, já que o sismo não lhes derribou, não são assim tão mais como pretendem fazer-lhes erro.

— Sem alterações — Em uma vez, a Companhia das Águas de Lisboa, informados de que o sismo não provocara qualquer avaria, não chegando, portanto, a haver interrupção no fornecimento de água. E verdade que, devido à falta de electricidade, as máquinas de bombeamento não bilizaram. Contudo, graças às reservas em depósito a distribuição domiciliária manteve-se sem alterações.

PAIS INQUIETOS ACORRERAM AOS COLEGIOS DE INTERNATO a tranquilizar-se

Formosa curiosos, entre mil por cento, foram numerosos os pais cujos filhos se encontram internados em estabelecimentos de ensino que, desde domingo ali, apressadamente, dada a dificuldade ou impossibilidade de obter ligações telefónicas.

— A preocupação de todos esses aflitos famílias era de que os filhos e afilhados se encontraram de boa saúde. Felizmente, não houve casos e lamentar e os directores dos estabelecimentos de ensino prontamente tranquilizaram os parentes dos educandos. Nalguns casos, porém, os aflitos pais insistiram até lhes ser permitido ir ver os filhos às comarcas, onde a maioria deles já havia retomado o tranqüilamento o sono.

Milhares de crianças não foram hoje às aulas

Apesar de os sismos não se haverem repetido, numerosos pais, profundamente impressionados com os abalos de terra, não consentiram que os seus filhos fossem para as escolas. Assim, que em estabelecimentos de ensino oficiais, que nos particulares, registaram-se milhares de faltas. Único motivo: o sismo desta madrugada.



Crianças aconchegadas por familiares — um aspecto comum na madrugada do medo

ALARME (E PÂNICO) NAS LOCALIDADES DOS ARREDORES DE LISBOA

Madrugada ainda, começaram a chegar à nossa Redacção informações procedentes das localidades vizinhas de Lisboa, referindo que o sismo também ali foi sentido com particular violência. Praticamente, em todas as povoações e lugares, a população alarmou-se em alto grau e em muitos casos registou-se autêntico pânico. Felizmente, a circunstância de não se haverem registado desmoronamentos limitou, na quase totalidade dos casos, as consequências que o fenómeno poderia ter.

Na região de Loures não se registaram desastres

A violência do tremor de terra fez-se também sentir em todo o município de Loures. A população, justamente alarmada com o dano e a intensidade do fenómeno, vieram para as ruas da vila, chorando e evadindo as mulheres e os homens, empunhando lanternas, interrogavam-se, aterrorizados e inquietos. A falta de luz fez-se ainda aumentar as preocupações. Nas povoações de Pinheiro de Loures, Betica e Górtices, sem que se chegasse a estabelecer pânico, os habitantes saíram de suas casas e deixaram-se, por largo tempo, ficar, na estrada de Loures à Malveira, no Trão e à chuvia molhada que caía.

O frêgo de vozes na estrada fez-se com cuidado, pois havia o recelo de alimentos ou mesmo de abertura de fendas. Tal não aconteceu, porém, e a circulação de carros passou a fazer-se normalmente, um pouco depois de passado o fenómeno.

Os Bombeiros Voluntários de Loures não tiveram, felizmente, quaisquer chamadas. Praticamente, quase toda a população de Odivelas veio para a rua, em pânico logo após o primeiro abalo de terra. Contudo, os bombeiros locais não registaram pedidos de socorro e não houve vítimas a lamentar.

Em Cascais Não houve desastres nesta vila por causa do sismo. Os bombeiros foram chamados à rua José Florindo onde um fio de alta tensão se encontrava em curto-circuito.

— Ponce depois das quatro horas, uma das imagens mais expressivas do pânico que tomou a conta da população era a que se registava nas bombas de gasolina existentes nas várias saídas da capital. Centenas de automóveis — mais 100 milharas no conjunto — formavam longas bichas, esperando a vez de abastecerem os depósitos de gasolina. E a maior parte, logo que conseguia encher o depósito abalava para fora da capital. A fugir da ameaça de novos sismos? Impedidos pela preocupação de contactar imediatamente parentes localizados fora de Lisboa? O certo é que, às primeiras horas da manhã milhares de carros, cheios de pessoas que na maior parte envolveram apenas os trajes interiores, proporcionavam a imagem terrível de um exodo, e o inesperado exodo.

Em Odivelas Praticamente, quase toda a população de Odivelas veio para a rua, em pânico logo após o primeiro abalo de terra. Contudo, os bombeiros locais não registaram pedidos de socorro e não houve vítimas a lamentar.

Em Cascais Não houve desastres nesta vila por causa do sismo. Os bombeiros foram chamados à rua José Florindo onde um fio de alta tensão se encontrava em curto-circuito.

A QUEDA DE UM BEIRAL NA RUA LUCIANO CORDEIRO ATINGIU CINCO AUTOMÓVEIS

Devido à queda dos floreiros de beiral de um prédio que fez escuras entre as ruas Noqueira e Sousa e Luciano Cordeiro, foram atingidos cinco automóveis ali estacionados, três dos quais sofreram grandes estragos. Ficaram danificados os carros pertencentes aos srz. Sebastião Marques Esteves, residente na travessa de Santa Marta, 1; Fernando Alberto Mar-



«Estes, já ninguém os aproveitou» — diz o povo, dos veículos estacionados junto dos prédios atingidos na rua Luciano Cordeiro

EXODO ÀS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ

— Ponce depois das quatro horas, uma das imagens mais expressivas do pânico que tomou a conta da população era a que se registava nas bombas de gasolina existentes nas várias saídas da capital. Centenas de automóveis — mais 100 milharas no conjunto — formavam longas bichas, esperando a vez de abastecerem os depósitos de gasolina. E a maior parte, logo que conseguia encher o depósito abalava para fora da capital. A fugir da ameaça de novos sismos? Impedidos pela preocupação de contactar imediatamente parentes localizados fora de Lisboa? O certo é que, às primeiras horas da manhã milhares de carros, cheios de pessoas que na maior parte envolveram apenas os trajes interiores, proporcionavam a imagem terrível de um exodo, e o inesperado exodo.

— Anunciar em R & T e vender mais

ERA O MESMO CÉU QUE VI EM AGADIR

— afirmou uma enfermeira que esteve em Marrocos

Praça do Príncipe Real: pouco passa das 5 e 30. Númeras pessoas, residentes nas vizinhanças, instalaram-se nos bancos do Jardim França Borges. São famílias inteiras que, em pânico, vieram para a rua, vestindo apenas roupa interior e resguardando-se do frio com os cobertores das camas, de onde saltaram precipitadamente...

— Moro no 122, no quarto andar. A minha casa abriu brechas. Caiu-me a loiça toda para o chão...

Falou-nos D. Maria Martins Chambelo. Um seu vizinho, sr. José Augusto Cardoso, empregado de escritório, disse-nos:

— Fui para acender a luz, mas não havia corrente. Ao

segundo abalo vim para a rua.

A opinião corrente era a de que se tinha sentido um segundo tremor de terra, de menor intensidade, meia hora depois do primeiro, como nos diria também Manuel Rodrigues, pasteleiro:

— Logo que passou o primeiro abalo resolvi meter-me na cama, vestido. Pensei que aquilo poderia repetir-se. E, pelo sim pelo não, decidi vestir-me e deitar-me. Logo que senti o segundo abalo, à cautela, levantei-me e saí de casa.

Maria Mendes Antunes habitava num quinto andar de outro prédio da praça do Príncipe Real. Declarou-nos:

— Viemos todos para a rua. Aqui sempre se está mais seguro.

— E não volta tão depressa para casa...

— Se lá for, é só para me vestir e sair outra vez.

Houve quem não tivesse esquecido o transistor. Sintonizavam-se as únicas estações portuguesas a funcionar de madrugada — o Rádio

Clube Português e a Emissora Nacional (que abriu excepcionalmente às 5 e 38) — e, avidamente, aguardavam-se as primeiras notícias. A preocupação dominante era a de saber se havia desastres pessoais. Conhecer portadores dos sismos que sobressaltaram toda a gente.

Outros, ainda, procuravam sintonizar estações espanholas, que também transmitiam notícias dos abalos de terra.

Jaime Dias da Silva mora em Almada, mas trabalha nas proximidades do Príncipe Real:

— Em Almada está tudo em alvoroço. No meu prédio

caiu uma clarabóia. Aquilo parecia estalar tudo...

Eduardo Soares de Albergaria mora na travessa do Abarracamento de Peniche. Falou sobre o que aconteceu na sua residência:

— Partiram-se os vidros todos das janelas lá de casa. E abriram-se largas fendas nos tectos.

A sr.^a D. Fátima Caldeira Marques é enfermeira. Reside na travessa da Cruz de Sor. E já tem larga experiência de terremotos:

— Estive como voluntária em Agadir, e ali testemunhei violentos tremores de terra. Mas, confesso que este assustou-me muito, porque foi prolongado e intenso. A cor do céu não me enganou. Disse a meu marido: «É o mesmo céu que vi em Agadir». Um céu cor do chumbo.

Quase seis da manhã. Ninguém se mostrava disposto a regressar a casa.

— Quem nos garante que isto não se repete?!... — ouvia-se.

SESSENTA FERIDOS

— QUASE TODOS LIVRES DE PERIGO

Em consequência dos abalos sísmicos sentidos esta madrugada, o serviço de urgência do Hospital de S. José registou, a partir das 4 horas, desusado movimento, recebendo ali tratamento até cerca das 10 horas, exactamente 60 pessoas, a maioria das quais com ferimentos sem gravidade ou acusando depressões nervosas mais ou menos acentuadas.

Assim, apenas há a registar os seguintes casos de maior importância: Isidoro Rato, de 55 anos, morador na calçada do Jardim, 27, Ladeiras, Caxias, que ficou internado com contusões diversas; José Maria Paciência, de 35 anos, viajante, morador no lugar de Relvas, Santa Catarina, Caldas da Rainha, que, tomado de pânico, se atirou da janela do primeiro andar de uma pensão na rua de Martim Moniz, onde es-

tava hospedado, e que, depois de tratado, regressou a casa; Vítor Jorge Pinto Orrico, de 32 anos, morador na rua D. João IV, bloco 2, n.º 1, rés-do-chão, no Barreiro, que ficou bastante ferido por ter sido atingido com vidros; Alice da Conceição Pereira, de 48 anos, moradora na rua D. Manuel I, 154, Barreiro, que, quando fugia por um quintal, caiu, fracturando a coluna, pelo que recobrou à Sala de Observações; Célio Gonçalves Pereira, de 27 anos, morador na rua Augusto Rosa, 36-1.º, que ficou bastante ferido devido a ter sido atingido por parte do tecto do seu quarto; e Manuel Morais Afonso, de 22 anos, estudante, morador na rua Dr. Oliveira Ramos, 17-2.º, Esq.º, que se atirou da janela à rua sofrendo contusões várias na cabeça e pelo corpo.

Em Bucelas

BUCELAS, 28 — Foi grande o pânico da população, acordada a meio da noite com o violento abalo de terra. Não houve, felizmente, desastres pessoais, mas muitos prédios abriram fendas perigosas.

No Bombarral

BOMBARRAL, 28 — Registou-se grande pânico nesta vila, em consequência do sismo desta madrugada. As pessoas vieram para a rua, a chorar e aos gritos, mas não houve desastres pessoais.

NA CENTRAL TELEFÓNICA DA PRAÇA DE D. LUÍS

ABRAÇADAS À VIGILANTE as telefonistas esperaram o final do sismo

Foi patética a cena que se desenrolou na Central Telefónica do Estado, na praça de D. Luís, onde estavam de serviço sete telefonistas e a vigilante sr.^a D. Helena Ferreira da Silva.

Esta disse a um dos nossos repórteres, momentos depois do terrível abalo desta madrugada:

— Lembro-me do último tremor de terra. Estava também de serviço e conseguí encobrir às funcionárias o que se passava. Algu-

mas das senhoras de serviço perguntaram-me o que havia e eu respondi: «Foi um camião que passou na rua». Mas, desta vez, não pude encobrir. As luzes apagaram-se. Cada uma saiu do seu lugar agarrando-se a mim. Ficámos abraçadas, chorando e implorando protecção para os nossos filhos.

E prosseguiu:

— Uns cinco minutos depois de ter terminado o abalo começámos a receber centenas de chamadas. Isso origi-

nou o corte de fusíveis. Mas lá fomos tranquilizando as pessoas e fazendo as várias ligações.

As sete telefonistas, já ocupando as suas habituais posições, procuravam mostrar-se calmas, mas não podiam esconder o forte nervosismo que as dominava, pois sentiram nitidamente o tremor de terra.

— Toda a casa tremeu, ao mesmo tempo que se ouvia um rumor surdo vindo do solo. Julgávamos que as pa-

redes iam cair sobre nós — disseram-nos.

O nosso repórter falou depois com o chefe da estação, sr. Hulberto Outeiro, o qual nos disse:

— Estiveram aqui o sr. administrador-geral, eng.º Henrique Pereira, e o director técnico, eng.º Santos Silva, os quais vieram à Central logo que em suas casas sentiram o sismo.

E acrescentou: — Não há notícias de grandes estragos mas a Central registou um volumoso número de chamadas, o que congestionou o tráfego. Deram-se interrupções devido a cortes de contacto, mas as principais avarias devem-se ao colapso dos fusíveis causado pela sobrecarga de chamadas.

No populoso bairro de Alfama as pessoas saltaram para a rua, procurando, aos gritos, os largos e as zonas altas. Pedacos de chaminés, telhas, blocos de paredes dos velhos prédios tombavam; as ruas ficaram, em poucos instantes, repletas de destroços de argamassa. Vidros das janelas voaram em estilhaços. Prédios velhos abriram fendas, exterior e interiormente. Muita gente, de mãos postas, rezava, em voz alta. Junto da igreja de Santo Estêvão, uma multidão aglomerava-se, orando, chorando, implorando.

Por outro lado, houve quem corresse, em debandada, para as zonas do cais, procurando um refúgio aparentemente seguro. Automóveis corriam, desordenadamente, na madrugada, com as luzes acesas e buzinando, buzinando. Procurava-se, também, pelo telefone, notícias de familiares; as linhas, porém, durante algum tempo, estavam interrompidas. Com a falta de luz a confusão tornara-se maior. Vultos gesticulando e gritando percorriam as ruas, de um para outro lado. Nas áreas mais estreitas de Alfama registaram-se atropelos, quedas, pois o movimento era intenso e o pânico quase atingira as raízes do paroxismo. Houve, também, quem decidisse dormir na rua, logo após as coisas se tornarem mais serenas.

Essa serenidade aparente durou pouco tempo: as coisas tornaram-se verdadeiramente dramáticas quando o segundo abalo telúrico se registou. Todos, então, correram para os largos; todos, então, abandonaram as casas, todos, então, num pavoroso pânico impotente procuravam, procuravam — o quê?..



Um montão de destroços é o que resta da cimalha e do belo varandim do palácio do largo do Caldas

TELEFONES AVARIADOS

Durante toda a manhã, e pela tarde fora, os telefones conheceram autêntica lufalufa. Não apenas pela quantidade de chamadas que se pretendiam fazer (os órgãos da Informação a tentarem obter notícias; pessoas que queriam saber se algo tinha acontecido aos parentes; gente que requeria a presença dos bombeiros em suas casas...), mas também, em grande parte, pelas dificuldades que se depararam a quem quis telefonar.

De facto, a rede dos Telefones Lisboa-Porto sofreu os efeitos do sismo, registando-se várias avarias em diversos pontos da capital — o mesmo acontecendo, de resto, noutras regiões do País. Por outro lado, também numerosas instalações telefónicas locais, montadas em residências e estabelecimentos, ficaram avariadas, sendo impossível, evidentemente, que as brigadas técnicas dos T. L. P. accorressem a todas as chamadas feitas pelos assinantes para reparação das deficiências.

Alguns sectores telefónicos não resistiram à saturação de chamadas, tendo as telefonistas sido forçadas a trabalho exaustivo para, dentro das possibilidades, atenderem todos os pedidos de ligações — locais ou interurbanas.

EM ALFAMA: Pavor com gente a rezar nas ruas

MENOR RISCO NOS PRÉDIOS CONSTRUÍDOS DESDE HÁ DEZ ANOS

EM LISBOA:

- Ajuda -- a zona mais segura
- Areeiro -- a zona de maiores riscos

Todos os prédios construídos no País desde 31 de Maio de 1958 estão abrangidos por um regulamento de segurança contra sismos.

Isso significa que se esse regulamento, estabelecido por decreto-lei e elaborado por técnicos de projecção internacional, tem sido realmente cumprido por todos os Municípios, o risco de derrocada é bastante atenuado, mesma em casos onde o grau da escala atinja os limites de grande perigo. No entanto há a tomar sempre em consideração o facto de não se poder evitar a catástrofe.

Em Lisboa, a Câmara Municipal, atendendo a que a cidade está situada numa zona de forte risco sísmico, estabeleceu, para além do regulamento oficial, certas disposições de construção. Essas disposições traduzem-se na obrigatoriedade dos projectos preverem uma estrutura reticulada de betão armado, constituída por vigas e pilares. Quanto aos prédios assentes em pilares, como nas avenidas Infante Santo e Estados Unidos da América, o coeficiente de segurança sísmica exigido é ainda muito maior do que para as construções de outro tipo, por motivo do risco ser considerado maior, nesses prédios.

O betão armado é considerado material mais seguro que a alvenaria e, assim, os prédios construídos desse modo estão mais sujeitos ao risco sísmico. Assinala-se, porém, que os prédios de alvenaria de um piso só correm um risco menor.

Os prédios construídos ao abrigo do regulamento contra sismos vibram mais que os outros (a mesma sensação de insegurança aparente temo-la

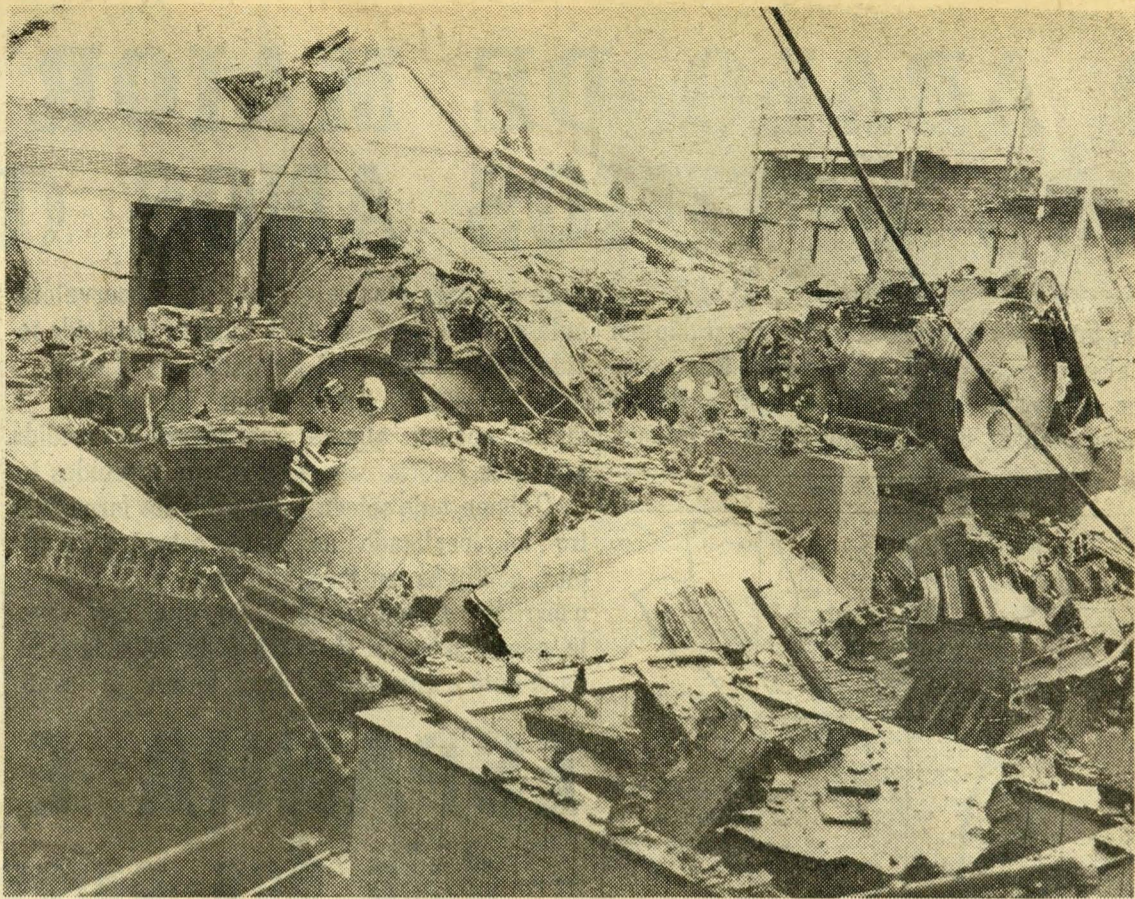
ao atravessarmos uma ponte bem construída), motivo pelo qual todos os que habitam em prédios novos — isto é, com menos de dez anos — devem ter sentido, esta madrugada, o abalo ainda com maior intensidade.

Segundo afirmou, esta manhã a um redactor do nosso jornal, o general Franca Borges, presidente do Município, esse regulamento é cumprido em Lisboa. O presidente da comissão recordou-nos, ainda, que na altura do terramoto, em Agadir, há nove anos, enviou propositadamente um grupo de técnicos do Município à zona da catástrofe com o objectivo de estudarem o comportamento das edificações e applicarem, assim, novas disposições no regulamento citado.

Ainda em relação a Lisboa, os técnicos consideram a zona da Ajuda como a área porventura mais segura em caso de sismos. Quanto aos locais com maiores riscos parecem ser os do Areeiro e da avenida Almirante Reis, dada a natureza do solo ser pouco consistente. As zonas em cave, como o Metropolitano e as condutas, são consideradas como menos vulneráveis aos efeitos dos abalos de terra.

RECONSTRUÇÃO SEM LICENÇA das chaminés atingidas

Ao falar, esta manhã, com um redactor do «Diário Popular», o general Franca Borges, presidente do Município de Lisboa, pediu que informássemos haver determinado que as reparações das numerosas chaminés atingidas pelo sismo podiam ser feitas imediatamente sem qualquer licença, mas com a obrigação de os senhores apresentarem as respectivas petições no prazo de quarenta e oito horas.



Metade da área coberta da Cerâmica de Pinhal Novo ficou totalmente destruída conforme a foto documenta

DESABOU NO PINHAL NOVO UMA FÁBRICA DE CERÂMICA • 2500 CONTOS DE PREJUIZOS

O violento sismo desta madrugada interrompeu abruptamente a laboração da Cerâmica de Pinhal Novo, lançando 32 operários no desemprego. A fábrica, que pertence ao sr. António Pedrosa Amado e fora inaugurada em 1962, está dividida em duas secções cobertas por telhados em abóbodas edificadas em tijolo, cada uma delas tendo uma carga de 250 toneladas, sustentadas por 10 pilares de 40x40 cm e um lençol ao meio da construção. Uma das secções foi totalmente destruída — aquela em que laboravam os sectores de preparação e secagem.

Sob toneladas de escombros estão soterradas 18 das 19 poderosas máquinas que pertencem à fabricação e a que ficou ao de cima está muito danificada. Ficaram soterrados também um empilhador, um tractor e um camião. A área atingida pelo desabamento é de 1300 metros quadrados.

Esta manhã, quando o repórter do nosso jornal esteve no local, o sr. António Pedrosa Amado, proprietário da empresa, avaliou

os prejuizos em cerca de 2500 contos e considerou a situação muito difícil visto que, como se sabe, as companhias de seguros não cobrem riscos relativos a sismos. Muito difícil ficará a ser, também, a situação de 32 pessoas que trabalhavam ali: 28 homens e 4 mulheres, que a partir de agora não têm trabalho.

Aquele industrial calcula que o tempo de reconstrução da sua unidade fabril demorará seis meses. Entretanto, para 7 homens o desemprego será adiado por algum tempo, visto que é preciso proceder à remoção dos escombros e aos trabalhos resultantes da emergência.

Um homem com visão ... e com sorte

O forneiro que se encontrava na secção que não foi atingida, junto ao forno, quando começou o sismo em breve se apercebeu de que corria grande perigo. Ainda quis fugir, mas verificando que a distância a percorrer era grande, optou por se encostar a um dos pilares que é ponto de divisão entre os dois telhados, enquanto do outro lado a abóboda ruía. Terá sido essa circunstância que o salvou. Valeu-lhe, no momento, um pouco de calma... e também de muita sorte. O forneiro chama-se Carlos da Conceição Henriques, tem 32 anos,

é casado e pai de dois filhos. Mora em Pinhal Novo. Saiu às 8 horas do serviço e foi substituído pelo seu colega. O guarda-fábrica, que se encontrava situado em melhor local, teve oportunidade de se afastar a tempo.

A Cerâmica de Pinhal Novo tem como principais clientes os construtores civis dos distritos de Lisboa e do Setúbal. O sr. António Pedrosa Amado pensa expor a situação em que ficou o pessoal a um organismo de Previdência, no desejo de que a sua situação possa ser solucionada enquanto se não reconstrói a fábrica. Entretanto, a laboração ficou completamente paralisada, visto que as principais secções foram as mais afectadas pelo tremor de terra.

Evacuada uma fábrica na Trafaria

Também na Trafaria uma fábrica de tecidos foi parcialmente atingida pela violência do sismo: o tremor de terra fez deslocar enorme pedregulho de uma falésia próxima atingindo um sector das instalações fabris.

Felizmente não se registaram vítimas, mas o presidente da Câmara de Almada mandou evacuar a fábrica, acatando a hipótese de se verem cair novos desprendimentos de pedras ou de terra da falésia.

AS RUAS JUNCADAS DE DESTROÇOS

Em muitas artérias, sobretudo nos bairros mais antigos da cidade, eram inúmeros os destroços que juncavam a via pública provenientes das fachadas velhas ou em mau estado de conservação. Muitos deles, simples fragmentos de reboco ou mesmo de tijolo, atingiram automóveis estacionados ao longo dos passeios, causando-lhes danos diversos. Num momento de drama, que, felizmente, não se transformou em irremediável tragédia, coloca-se uma vez mais o problema de construções antigas cujos proprietários não são, inexplicavelmente, obrigados a proceder a reparações periódicas. Tivemos, assim, ocasião de verificar que os destro-

ços de fachadas provinham precisamente de edifícios que nunca, ou pelo menos há muitos anos, beneficiaram de qualquer espécie de obras.

Desconhece-se ainda a extensão dos estragos que a queda desses fragmentos pode ter causado. Impõe-se no entanto, e de forma deplorável que porventura nunca teve semelhante, a gravidade de que podem reverter-se a imprudência ou o desleixo em quanto diz respeito à conservação dos edifícios antigos.

UIF MODIFICAÇÕES E MONTAGENS DE ANTENAS Telef. 538068 ou 764010

MUITOS PRÉDIOS DANIFICADOS MAS NENHUMA DERROCADA GRAVE

A população da cidade concentrou-se, durante quase toda a manhã, junto dos prédios atingidos pelos efeitos do tremor de terra, comentando e fazendo o inventário dos estragos da madrugada.

Todas as zonas de Lisboa sofreram estragos. Cairam chaminés e cimbalhas; rebarbaram ou racharam as juntas de inúmeros prédios; as paredes abriram fendas, juncando as ruas de destroços e enchendo de teijolos e calça muitas habitações. Além disso, também em muitas casas se quebraram os vidros e diversos utensílios domésticos.

Rádio-amador com sorte

Na rua de S. Tomé, 32, 4.º, a chaminé, ao demorar-se, arrombou o teto da cozinha do locatário, sr. Augusto Ferreira, encarregado da Ourivesaria Aliança, do Chiado, e conhecido como um dos mais populares rádio-amadores portugueses.

— Ainda bem que o rádio não ficou avariado, porque, passado o primeiro susto, pus-me em comunicação com Porto, Évora, Régua, Coimbra e Benavente, e pude certificar-me de que, pelo menos aí, os estragos não eram de gravidade. De adrid também contactaram comigo, perguntando-me se precisávamos de auxílio. É natural: toda a gente pensou que isto era outro terramoto como o de 1755 — declarou-nos o sr. Augusto Ferreira.

Prédio ameaçado de ruína

O abalo sísmico provocou a queda da parte superior da empena e da chaminé do prédio n.º 50 da rua de S. Nicolau, que faz esquina com a rua Augusta. O acidente não provocou acidentes pessoais, apesar de ter aberto brechas no tecto do 5.º andar do edifício, onde habitam o sr. An-

tónio Barbosa Sobrinho e sua esposa Maria Gabriela Sales Barbosa. A empena caiu sobre o telhado do prédio n.º 100 da rua Augusta, e destruiu-o parcialmente.

A sr.ª D. Maria Gabriela declarou-nos que o desmontamento se verificou durante o primeiro sismo que, para além da queda da empena se fez sentir violentamente na sua casa, de tal modo que um pesado móvel, sobre a qual se encontrava um aparelho de televisão, se deslocou desde a parede at é ao meio da sala de jantar. O prédio, que apresenta, aparentemente, poucas condições de segurança já foi vistoriado pelos bombeiros municipais aguardando os inquilinos instruções acerca da necessidade do seu abandono.

No largo do Caldas, a cimbalha de pedra do palácio da família Caldas Machado arrostou na queda a varanda do piso superior (conhecida pela cascada da padre Cruz), pois foi nessa casa que o venerando sacerdote viveu os últimos anos da sua vida, quase esmagando seis veículos que ali estavam estacionados.

Entretanto, nas ruas da Rosa, 14; do Vigário, 32; da Esperança; da Cruz (à Alcântara), 28; Cidade Manchester, 44; e em muitos outros locais, o tremor de terra abriu fendas profundas nas paredes dos prédios e quebrou os vidros das janelas. Na rua dos Ferreiros (à Lapa), 37, ruíu a empena de umas águas-furtadas.

PASSAGEM DE MODELOS DA BAYER DE PORTUGAL COMUNICADO

Comunica-se a todos os Exmos. Convidados para o noite de 28 de Fevereiro na Casa do Leão, Castelo de São Jorge, que, dada a grande afluência prevista, a reunião terá lugar no Espelho de Água, em Belém, no mesmo dia e à mesma hora.

O ABALO DE MAIOR DURAÇÃO NOS ÚLTIMOS ANOS (EM LISBOA)

(Continuação da 1.ª pág.)

Esta foi a informação oficial que, cerca das 9 horas, obtivemos do dr. Alfredo Mendes, direc-

sismo não pôde ser medida com exactidão por motivo de se terem avariado as agulhas dos registos, dada a intensi-

dade do abalo, mas calcula-se que tivesse sido de cerca de um minuto. O segundo sismo durou apenas alguns segundos.

O sismo, cujo epicentro foi localizado no mar, sentiu-se em todo o território do Continente, não se sabendo, ainda, à hora a que estive-

mos no Observatório D. Luís, se teria sido registada em Lisboa a maior intensidade, a qual só pode ser medida depois de recebidos todos os dados fornecidos pelas estações sismográficas.

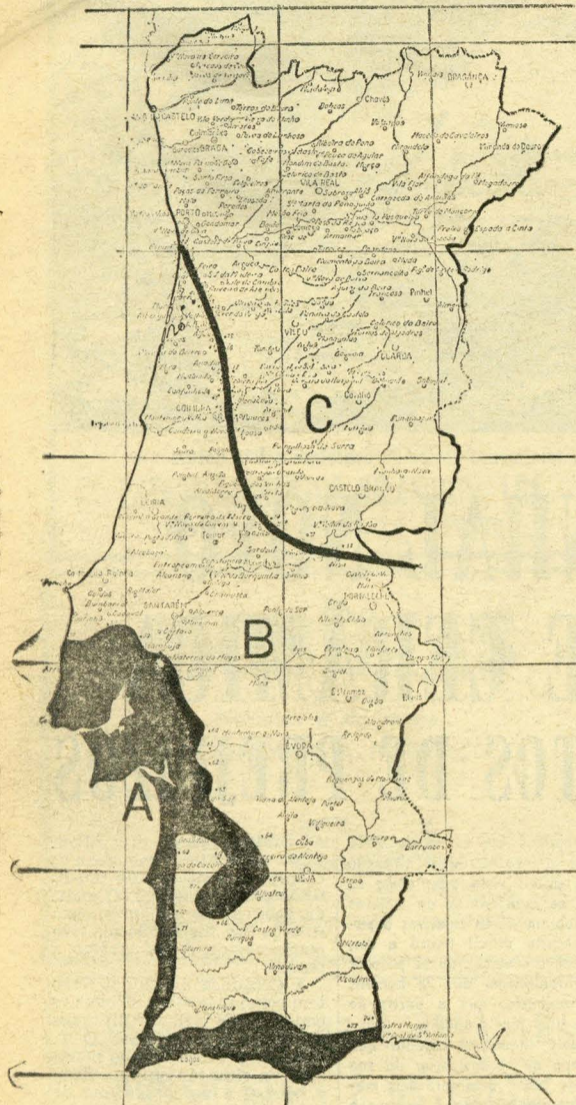
Ao que nos revelou o dr. Alfredo Mendes, foram já senti-

dos em Lisboa, mesmo nos últimos anos, sismos com intensidade maior que a registada esta madrugada. No entanto, este, foi o abalo de terra assinalado com maior duração. Na escala internacional, o grande perigo de catástrofe começa quando o sismo atinge o grau X, o qual

foi registado no terremoto de Agadir.

AS 11 HORAS NOVO ABALO de pequena intensidade

Segundo informação do Instituto Geofísico, foi sentido em Lisboa um novo abalo telúrico de pequena intensidade (grau 2/3), às 11 horas, e cujo epicentro se prevê se tenha localizado a cerca de 300 quilómetros.



DELIMITAÇÃO DAS ZONAS SÍSMICAS DO PAÍS: Zona A — forte risco sísmico; Zona B — médio risco sísmico; Zona C — fraco risco sísmico. Assinale-se, no entanto, que o sismo desta madrugada teve a mesma intensidade em todo o País

ESPAÑA E MARROCOS — dois dos países mais atingidos pelo violento tremor de terra

MADRID, 28 — O sismo desta madrugada foi sentido em toda a Espanha e nas ilhas Canárias.

A única vítima assinalada foi um homem de 64 anos, em Sevilha, que sucumbiu a um ataque cardíaco.

INTERROMPIDAS AS COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS COM MARROCOS

Segundo as primeiras informações, no fim da madrugada, das agências noticiosas, várias regiões do Norte de África, nomeadamente Marrocos, foram das mais duramente atingidas pelo forte abalo sísmico.

Imediatamente o «Diário Popular» tentou contactar telefonicamente com Marrocos. Mas, às 7 e 55, os C. T. T. informaram que os circuitos telefónicos para ali estavam interrompidos, situação que, até este momento, continua a impedir-nos de colher mais pormenores dos efeitos do abalo de terra naquele continente.

Em Espanha, o sismo abalou casas, deslocou móveis, partiu loiça e fez balancar os candeeiros. Em Madrid, famílias inteiras correram para a rua e para os parques.

Em Huelva, apareceram fendas em vários edifícios, desprenderam-se cornijas e algumas casas abandonadas ruíram. A população abandonou as suas residências e fugiu para os campos.

Em Sevilha, os habitantes também fugiram para a rua, mas não há notícia de quaisquer estragos importantes.

Em Tarifa, ponto mais meridional da Espanha, perto de Gibraltar, os habitantes dizem que os pássaros mostraram sinais de grande nervosismo momentos antes do sismo.

O abalo de terra foi igualmente sentido, com violência, no Norte, como em Gijón, nas Astúrias, por exemplo.

Em Madrid, a Rádio Na-

cional lançou um apelo aos três milhões de habitantes da capital, quarenta e cinco minutos depois da fase inicial do abalo. Os madrilenos ouviram o locutor pedir que os telefones só fossem utilizados em caso de emergência.

A capital espanhola registou esta madrugada o maior movimento telefónico da sua história — todos queriam saber se algo acontecera aos parentes e amigos. — (ANI e R.).

Dois mortos e quatro feridos em Marrocos

RABAT, 28 — Cerca das 2 e 30 TMG um violento tremor de terra, constituído por dois abalos seguidos, abalou Rabat e seus arredores, assim como Marraquexe, Tetuão, Tânger e outras regiões de Marrocos.

Desmoronou-se um prédio nos subúrbios de Sale.

Segundo anunciou a Agência de Imprensa Marroquina

«MAP», o sismo causou dois mortos e quatro feridos.

Os abalos foram acompanhados de surdos ruídos subterrâneos.

O segundo sismo durou quarenta segundos e provocou pânico entre a população, que fugiu das suas casas, e, recordando-se da catástrofe de Agadir, se recusou, depois, a regressar às residências, preferindo dormir nos passeios e dentro de automóveis.

É o terceiro tremor de terra conhecido que tenha afectado Rabat. Não se assinalam outros estragos materiais nem mais vítimas. — (F. P.)

Sismo na Califórnia

BERKELEY, 28 — No sismógrafo da Universidade de Califórnia, em Berkeley, foi registado, esta madrugada, um sismo de forte intensidade, que atingiu a força de 7,3 graus, na escala de Richter.

O epicentro parece localizar-se no Atlântico Norte. — (ANI).

Em Los Angeles

LOS ANGELES, 28. — Esta cidade foi abalada, ontem à noite, às 21 horas locais, por um sismo de fraca intensidade que atingiu 3,5 graus na escala de Richter.

O tremor de terra, que foi sentido até 50 quilómetros de distância do centro de Los Angeles, não causou vítimas nem estragos. — (F. P.).

AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento geralmente fraco, possibilidade de períodos de chuva em especial nas regiões do Sul e Centro.

(Previsão do Serviço Meteorológico).

TOIROS EM BADAJOZ

Domingo, 9 de Março
2 partidas no sábado:
7,30 e 14,30 horas
1 partida no domingo
às 7 horas
em Pullmans de luxo de

TURISMO BOA VIAGEM

AV. DO BRASIL, 112-C
Telef. 76 22 22 ou 76 55 67

tor dos Serviços de Geofísica do Serviço Meteorológico Nacional.

Segundo nos disse, ainda, o dr. Alfredo Mendes, a duração do

HIPOCENTRO MUITO PROFUNDO

— afirma o Observatório de Toledo

MADRID, 28 — O Observatório Sismológico de Toledo anunciou que os sismos que abalaram a Península Ibérica tiveram a seu epicentro a cerca de 700 quilómetros a sudeste de Toledo, no oceano Atlântico.

O hipocentro do tremor de terra — ou seja, o ponto sob a superfície terrestre onde o abalo teve origem — foi localizado a uma profundidade invulgar, afirmou o informador do Observatório.

«Estamos convencidos de que o hipocentro foi muito mais profundo do que os 30 quilómetros habituais — acentuou. — (ANI).

NO JARDIM ZOOLOGICO

UIVOS PAVOROSOS DOS ANIMAIS

Um guarda do Jardim Zoológico disse-nos que os animais «pareciam estar no inferno quando se deu o sismo» e que se ouviram uivos e guinchos que atocaram os ares por largos minutos.

O chefe da secretaria, por seu turno, informou-nos de que não se registaram estragos e que nenhum animal se escapou das jaulas.

— Nestas alturas — acrescentou — os animais que mais manifestam o seu pânico são os chimpanzés e outros macacos, os lobos, os cães e as hienas. O leão, por exemplo, mantém-se passivo.

Os habitantes das imedia-

ções do Jardim assustaram-se especialmente com o tremor de terra porque durante o abalo e depois deles, ouviram os animais «de uma forma completamente desconhecida e pavorosa».

FÉRIAS DA PÁScoa

NA

MADEIRA

29 DE MARÇO A 6 DE ABRIL



A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

CORTINAS PARA BANHEIRO

CONFEÇÃO GRÁTIS

VALENTIM RODRIGUES
Av. Defens. Chaves, 31 — Lisboa
Ferreiras (Albuteira)

TORRALTA a multiplicação do seu capital

A partir de 28 contos poderá participar em todos os empreendimentos de TORRALTA

Conheça TORRALTA e decida depois

Informações:

Lisboa—Av. Duque de Loulé, 66-A / Telef. 51748 e 54479

Algarve

Hotel Golfinho-Fraia de D. Ana/ Telef. 302, Lagos

e Torralta

Praia de Alvor/ Telef. 1324 e 428 de Portimão